

ALIMENTAÇÃO E GUERRA NAS *HISTÓRIAS* DE HERÓDOTO

FOOD AND WAR IN HERODOTUS' *HISTORIES*

CARMEN LEAL SOARES

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
cilsoares@gmail.com

Resumo

Neste estudo procede-se a uma análise dos principais passos das *Histórias* em que se abordam as relações entre alimentação e guerra. Numa primeira parte considera-se a importância das causas económicas da guerra, relativas ao abastecimento de bens alimentares das populações. Na segunda, o papel que a alimentação desempenha em pleno cenário de guerra. Conclui-se que Heródoto, não obstante o relevo que dá na sua narrativa à influência que o carácter dos protagonistas da guerra (reis e generais) tem no desenho dos quadros bélicos, revela uma clara consciência do enquadramento económico básico que ao longo da história da humanidade sempre subjaz (de forma mais ou menos preponderante) aos conflitos armados.

Palavras-chave: guerra, alimentação, Heródoto, abastecimento das tropas, campanhas militares.

Abstract

This paper aims to study the way Herodotus relates food and war in his work. In the first part we consider the economic causes of war, those related to populations' food supplies. In the second part we focus on the role of food in a war scenario. In spite of the great relevance given by Herodotus in the construction of his war narratives to the characters of kings and generals, the Greek historian is perfectly aware of the economic implications the military conflicts usually have throughout the history of mankind.

Key-words: war, food, Herodotus, troops supplies, military campaigns.

0. Introdução

O presente estudo visa equacionar as intersecções que, inevitavelmente, se estabelecem entre domínios essenciais da história do Homem: a alimentação (indispensável à sobrevivência da espécie) e a guerra (principal esfera de afirmação do poder). Não obstante a pertinência inegável que ambas assumem, quer no âmbito da história económica, quer no da história política e social dos povos, a verdade é que o diálogo estreito que alimentação e guerra estabelecem entre si ao nível da construção do discurso historiográfico de Heródoto não mereceu até hoje particular atenção¹. Importa, no entanto, referir que essa marginalidade de que gozam os estudos sobre a alimentação no seio da produção bibliográfica sobre as *Histórias* não resulta de uma qualquer falta de atenção dos investigadores, mas deriva, em grande parte, da própria marginalidade que, no vasto *corpus* da obra, o autor dedica às questões relativas ao “comer e beber” em contexto de guerra.

Ou seja, se é verdade que os dados estatísticos relativos ao número de passos em que alimentação e guerra estão associados não nos devem levar a tirar conclusões sobre o relevo que os assuntos relacionados com a primeira (a alimentação) têm para a mundividência herodotiana da segunda (a guerra), ajudam, no entanto, a compreender melhor o porquê de essa associação ter passado bastante despercebida a comentadores e leitores em geral. As cerca de oito dezenas de ocorrências dessa natureza correspondem a pequenos trechos (alguns de conteúdo igual ou bastante similar), que, no total dos nove livros, são uma verdadeira insignificância em termos quantitativos. Não obstante a “frugalidade” dos registos da diáde temática que me proponho analisar, uma leitura atenta dos mesmos permitir-nos-á aferir a sua pertinência conceptual.

A leitura do conjunto dos trechos em apreço possibilita a identificação de dois grandes contextos de diálogo privilegiado entre os domínios da guerra e da alimentação. Por um lado, verificamos que vários são os passos que apresentam a busca de bens alimentares como causa motivadora de conflitos armados (considerados no ponto 1 da nossa análise). Mais vasto e complexo é, no entanto, o contingente de passos em que o historiador trata das problemáticas relacionadas com o abastecimento alimentar em tempos

1 O tema é brevemente tratado por Tritle (2006: 210-11). Para uma análise do tema do abastecimento alimentar durante a guerra em diversas fontes gregas, vd. a incontornável obra de Pritchett (1971: 30-51), bem como Anderson (1970: 43-59) e Engels (1978: 119-122).

de guerra (analisadas *infra*, ponto 2). Tendo em conta que o cenário comum dos conflitos descritos nas *Histórias* corresponde a batalhas devidamente preparadas pelas partes beligerantes, surgiram como subdivisões naturais desta segunda parte do estudo a consideração dos quadros de planificação da guerra (ponto 2. 1.) e dos contextos em que a alimentação assume o papel de “estratégia de guerra” (ponto 2. 2.).

1. Alimentação: motivação para a guerra

A guerra – isto é, *a razão de Gregos e Bárbaros combaterem entre si*, o mesmo é dizer os prelúdios e o primeiro confronto histórico entre Europa e Ásia, vulgarmente conhecido por Guerras Medo-Persas – vem anunciada no prólogo da obra herodotiana como um dos seus temas principais. A ‘razão’ (*aitia*) desses conflitos, apercebemo-nos pelo decorrer da narração, não é uma só. As motivações políticas e económicas que impulsionaram os grandes reis da Lídia (Creso) e da Pérsia (Ciro, Dario e Xerxes), no sentido da conquista de terras alheias, aparecem no texto fundacional da historiografia grega condicionadas ao perfil ético dos seus protagonistas². Talvez por ser típico do discurso herodotiano fazer depender as gestas dos monarcas bárbaros e dos tiranos gregos não só dos seus perfis éticos (ambiciosos e imponderados), mas também de uma visão fatalista do devir histórico (condicionado pela *tyche* soberana), talvez sob influência dessa intromissão clara que o ‘eu interpretativo’ do historiador tem na sua obra, tenhamos tendência a desvalorizar o peso determinante que nessa política expansionista tiveram factores económicos.

Não precisamos, no entanto, de buscar *fora do texto*, o mesmo é dizer, *naquilo que Heródoto não disse*, uma causa económica para a guerra. Aliás – e este aspecto reforça a pertinência de analisar a aliança que nas *Histórias* assumem os temas da ‘alimentação’ e da ‘guerra’ – no contexto histórico de sociedades economicamente alicerçadas no chamado sector primário (agricultura, criação de gado e pescas), a produtividade da terra e das águas constitui o primeiro garante de sustentabilidade³. Ainda

2 Para além dos estudos “clássicos” nesta matéria (Immerwahr 1966; Waters 1971; Long 1987; Lateiner 1989), veja-se ainda a análise de Flower (2006) ao retrato dos governantes persas e do seu povo nas *Histórias*.

3 A *Odisseia*, como obra literária primordial que é da literatura grega, consagra de forma lapidar essa imagem da prosperidade dos povos associada à produtividade dos seus

que recorrendo a artifícios literários, o historiador dá conta de que a busca de territórios mais férteis (leia-se mais abundantes também na produção de alimentos) é uma *aitia* para a guerra. Fá-lo, como veremos de seguida, ao colocar na boca de conselheiros régios a verbalização da ideia comumente aceite de que a conquista tem por motivação elementar a pobreza do solo pátrio e a abundância do território cobiçado.

A própria introdução deste *topos* em dois pontos estratégicos da obra – no início do relato das hostilidades entre Gregos e Bárbaros (1. 71) e no último capítulo da obra (9. 122) – indicia, quanto a mim, o relevo que no pensamento do Homem da época se atribuía a essa aliança entre alimentação e guerra. Atentemos, pois, no que os dois episódios nos revelam sobre essa relação estreita. Apostados em objectivos opostos, um (o lídio Sândanis) em travar os desígnios expansionistas do seu senhor, o outro (o persa Artáctes) em estimulá-los, usam exactamente a mesma adjectivação para qualificar um território improdutivo. Designam-no de ‘pedregoso’ (*trechys*: 1. 71. 2, 9. 122. 2). Assim descrevem ambos a Pérsia, embora com propósitos distintos. Enquanto Sândanis, natural da Lídia, terra rica em ‘delícias’ (*agatha*) e ‘comodidades’ (*to habron*), usa o argumento da pobreza do solo inimigo para tornar injustificado o desejo de Creso de a atacar (1. 71. 3-4), o nobre persa escuda-se nele para incentivar Ciro à conquista de uma terra ‘melhor’ (*ameino*, 9. 122. 2), a Lídia. Importa sublinhar que, conforme não deixa margem para dúvidas o primeiro passo, a aridez é sinónima de um padrão alimentar limitado, tanto em termos quantitativos (leia-se, a referência feita aos Persas, de quem se diz que *comem não quanto querem, mas quanto têm*, 1. 71. 2), como qualitativos. Os exemplos evocados de refinamento alimentar correspondem à bebida considerada produto por excelência do desenvolvimento civilizacional de um povo, o vinho, e ao fruto seco e doce mais vulgar na dieta mediterrânea, o figo⁴.

A menção à figueira merece, desde já, um comentário mais atento. Não obstante ter sido escolhida pelo carácter emblemático que seguramente já

campos e águas, vd. 19. 111-113: (...) *a terra escura dá trigo e cevada, as árvores / ficam carregadas de fruta e os rebanhos estão sempre / a parir crias; o mar proporciona muitos peixes em consequência / do bom governo* (trad. Lourenço 2005).

4 Sobre o vinho como produto civilizacional por excelência, vd. García Soler 2000. Outra reflexão sobre o entendimento da alimentação como marcador estereotipado do bárbaro nómada pode ler-se em Garnsey 1999: 65-68. Para uma crítica à visão clássica de considerar o consumo de vinho apanágio dos Gregos civilizados, por oposição aos Bárbaros, cf. Lenfant 2002. Quanto à importância do figo na dieta grega antiga, leia-se Dalby 2003: *sub verbum* ‘fig’, García Soler 2001: 111-115.

na Antiguidade tinha na dieta da Europa helenizada, devemos considerar que, aos ouvidos do destinatário intradieético de Sândanis, um rei persa, a mesma remete para o universo mais amplo das árvores de fruto em geral, que tanto fascínio exercia numa cultura régia para a qual outras fontes registam o apreço por pomares, jardins e luxuriantes reservas de caça (os *paradeisoi*)⁵.

Aliás, dois outros passos das *Histórias* esclarecem que a fruição dos prazeres estéticos pode associar-se à argumentação económica, no intuito de persuadir a conquista. Refiro-me às palavras de mais um general-conselheiro da Pérsia, Mardónio (7. 5. 3), e à resposta dada pelos Atenienses aos embaixadores Espartanos que vieram transmitir-lhes, no rescaldo da batalha de Salamina, o temor dos compatriotas de uma eventual ‘medização’ de Atenas (8. 144. 1). Embora provenientes de quadrantes culturais distintos, quer o Persa quer os Atenienses abonam as suas posições por meio da evocação das máximas universais de que não só os cuidados com a alimentação de um povo residente em solos pobres podem legitimar a realização de ofensivas militares, mas também o atractivo que desperta no ‘outro’ a beleza natural de um território, além da sua ‘qualidade/fertilidade’ (*arete*).

Na perspectiva de um Persa, a Europa deve ser conquistada por ser *uma terra extraordinariamente bela e, uma vez que produz toda a espécie de árvores de fruto domésticas, [uma terra] de qualidade excepcional*. Aos olhos dos Gregos, por seu turno, os vastos domínios da Pérsia podem exercer idêntica sedução. Daí que na resposta que Heródoto coloca na boca dos Atenienses volte a usar os argumentos da beleza e da ‘grande qualidade’ (*arete mega*) de um território (agora materializada na riqueza natural que, pela escassez dos recursos pátrios, mais fascinava o Grego, o ouro)⁶. Desta feita, no entanto, trata-se de rejeitar o fascínio geralmente exercido por semelhantes dons da terra, para assim esclarecer que as gentes de Atenas, na sua fidelidade inquebrantável à causa helénica, não se passariam para

5 Como observa Briant (1996: 99), esses jardins faziam parte da planta dos palácios reais desde a época de Ciro e foram sempre percebidos pelos autores gregos como marcadores da riqueza e luxo persas. Trata-se de uma herança assíria, essa prática de ter jardins de plantas aromáticas variadas, árvores de fruta e parques de animais exóticos e selvagens para caçar, incentivada por Ciro entre os seus governadores provinciais (Dalby 2000: 136).

6 No que toca à ‘fertilidade’ dos continentes, Heródoto exprime a sua opinião pessoal, concordante com a destas suas duas personagens, em 4. 198. 1, quando afirma: *A mim parece-me que, no que toca a fertilidade (arete) da terra, a Líbia não é digna de ser comparada com a Ásia e a Europa, à excepção de Cínipe (zona que recebe o seu nome do rio)*.

o lado do inimigo, mesmo que houvesse vantagens económicas nessa submissão política.

2. Alimentação em tempos de guerra

Deixemos o plano teórico das justificações da guerra e consideremos o papel determinante que a alimentação tem a outros dois níveis, estes de tipo prático: um, a que podemos chamar de “planificação da guerra”; outro correspondente a “estratégias de guerra”. Na primeira rubrica serão analisadas as implicações que razões de ordem alimentar têm: na escolha da época do ano para guerrear; no aprovisionamento de bens de primeira necessidade; no recrutamento de serviços especializados; nos locais escolhidos para acampar; no itinerário seguido pelas tropas. Na segunda, teremos em consideração os actos de aquisição ou consumo de alimentos, pensados e executados com o claro propósito de provocar (de forma directa ou indirecta) baixas no seio das hostes inimigas, funcionando, deste modo, como verdadeiras “estratégias de guerra”.

2. 1. Planificação da guerra

Começemos, pois, por centrar-nos nas indicações relativas à planificação de uma campanha militar, situação que, envolvendo a deslocação de elevados contingentes, coloca sérias exigências em termos de abastecimento de víveres.

2. 1. 1. Estação do ano

Nas *Histórias*, Heródoto dá conta de que o calendário de batalha dos invasores persas da Grécia é condicionado pela escolha da época do ano que garanta menos dificuldades em alimentar um exército em movimento. Confrontado com os riscos que um cálculo insuficiente de provisões pode acarretar para o sucesso da invasão da Europa, Xerxes procura sossegar os temores de Artabano esclarecendo que marcham sobre o inimigo *durante a estação do ano mais favorável* (7. 50. 4), ou seja na Primavera (7. 37. 1). Uma vez que a preocupação manifestada pelo tio dizia respeito à eventualidade de o exército ser assolado pela fome, não há qualquer dúvida de que, além de a época do ano ser do ponto de vista climatérico também ‘a melhor’ (*kalliste*), o que está em causa é, antes de mais, o facto de esse ser um período de produtividade abundante dos campos⁷. A mesma

7 Hanson (1998: 32-41), com base em fontes gregas, atesta que a época do ano preferencial para invadir um território inimigo era o período entre meados de Maio e finais de Junho. Além de

preocupação em não *combater numa estação desfavorável* (8. 113. 1) revelará Mardônio, outro tio de Xerxes, a quem o monarca entregará o comando das operações na Grécia, após a sua retirada para Susa, na sequência da derrota de Salamina. O general, em finais de Setembro, optará por aguardar pela Primavera seguinte (*ibidem*), estacionando em território aliado, na Tessália, para, só nessa altura, tentar novo ataque ao Peloponeso.

Decidido o período em que se travará a guerra, convém planificar os recursos a deslocar, bem como identificar rotas favoráveis aos periódicos reabastecimentos que um numeroso exército em marcha exige.

2. 1. 2. Aprovisionamento de bens alimentares e recrutamento de serviços especializados

Conforme veremos de seguida, Heródoto esclarece, repetidas vezes, que a alimentação das tropas não derivava exclusivamente dos bens transportados desde a pátria, mas também de produtos conseguidos localmente. Neste sentido, compreende-se que um bom estratega, ao eleger os lugares por onde faz avançar as suas tropas, onde estacionam e enfrentam o adversário, tenha igualmente em conta as vantagens que os mesmos lugares oferecem em termos de abastecimento alimentar dos seus efectivos. Mas tenhamos primeiro em consideração as referências feitas ao aprovisionamento de bens alimentares, de meios de os transportar (por terra e mar) e recrutamento de serviços que acompanham a marcha do exército.

O cálculo das necessidades deve ser bem feito, como garante Xerxes a Artabano. Veja-se 7. 50. 4, onde o monarca esclarece que transportam ‘grande quantidade de víveres’ (*pollen phorben*). Repare-se que o substantivo empregue, *phorbe*, aplica-se tanto à alimentação de pessoas como de animais. Há, no entanto, um termo próprio para designar ‘forragem’ (*chortos*), utilizado precisamente por oposição a outro vocábulo muito usado para designar, tal como *phorbe*⁸, alimentos sólidos consumidos pelo Homem

nessa altura os campos de cereais, por estarem ainda verdes, permitirem a mais fácil propagação do fogo (quando o objectivo era privar o adversário dessa colheita), no geral é uma época de abundância alimentar (que podia ser saqueada em proveito do invasor). No entanto, como observa Garland (1989: 96-98), nem sempre havia vantagem em destruir por completo os cultivos da população atacada, uma vez que, em caso de vitória, esses bens reverteriam a favor do atacante e, no caso de a guerra se prolongar mais tempo do que inicialmente planeado, a produção desses campos garantir (em parte ou no todo) a própria sobrevivência do agressor/saqueador.

8 Essa concepção de ‘comida’ (por oposição a ‘bebida’) está bem evidente em 1. 211. 2, onde se esclarece que os Citas estavam empanturrados de ‘comida e vinho’ (*phorbes*

(*sitos*)⁹. Ou seja, embora neste passo não se discriminem os dois grupos cuja subsistência era necessário assegurar, pessoas e animais (cavalos, bestas de carga e gado), essa era a realidade em causa e representava, no caso do vastíssimo exército bárbaro, quantidades e custos assinaláveis. Recordemos que, como testemunha o historiador em 7. 187. 2, com base numa ração diária *per capita* de ca. 1 litro de trigo¹⁰, para um total estimado, muito por alto, em cinco milhões duzentos e oita e três mil e duzentas e vinte pessoas, só por dia seriam consumidos mais de 5 milhões de litros de víveres¹¹. Não admira, portanto, que, só com os preparativos da campanha, se diga que foram gastos quatro anos (7. 20. 1).

O longo processo de recolha de ‘alimentos’ (*sitos*) faz-se, na Pérsia, graças aos contributos dos povos já conquistados (7. 1. 2) e, ao longo do vasto percurso a realizar, aos tributos de aliados, aos armazéns nele previamente implantados pelos Persas e aos saques realizados a bens do inimigo. Assim, Cambises, às portas do deserto egípcio, conta com o fornecimento de água oferecido pelo rei Árabe (3. 9). Já os Lacedemónios, na tentativa de evitar uma eventual medização dos Atenenses, na última fase do confronto contra os Persas, então comandados por Mardónio, a contrapartida que lhes fazem

kai oinou). Com esse valor usa-se igualmente em 4. 121, aplicado a carne. Outro sentido assumido pelo vocábulo é o de ‘provisões’ ou ‘ração de combate’ (casos em que continuamos a reconhecer a semântica genérica de ‘comida’ indiferenciada, sentido registado também em 7. 107. 2) – aqui *phorbe* distingue-se nitidamente de uma alimentação variada e refinada, oferecida pelas populações locais ao rei persa e seus comensais (cf. 7. 118. 3, episódio que abordaremos *infra*).

9 Cf. 9. 41. 2. Só há mais uma ocorrência do termo, aplicada precisamente à comida servida pelas populações lacustres do lago Prásias às bestas de carga, a qual, para grande surpresa dos Gregos, consistia em peixes (5. 16. 4).

10 A medida de capacidade referida no texto é o quénice, equivalente a 1, 08 litro (vd. Schrader, *comm. ad loc.*).

11 Os números reais não os conhecemos, embora o que os comentadores sugerem apontaria para cerca de metade (cf. Schrader n. 901). Estudo particularmente interessante sobre o consumo alimentar *per capita* dos soldados gregos ao longo das épocas arcaica e clássica é-nos fornecidos por Krentz (2007: 150-154). O historiador procede a uma síntese sobre o aprovisionamento médio necessário quer às tropas que se deslocam e combatem em terra, quer às das armadas. Em termos de víveres que compõem a ração de combate (que podia ser prevista para cobrir as necessidades para um período de tempo que ia de um a trinta dias) a dieta típica contemplava cereais (por regra cevada, por ser mais abundante que o trigo e permitir a confecção de pão mais resistente à deterioração, como era o caso do biscoito de cevada ou *paxama* - cf. Dalby 2003: *sub verba* “bread, biscuit”), cebolas, queijo, peixe/carne salgados, figos secos, azeitonas, vinho e água.

é que, em troca da sua fidelidade à causa grega, os compensarão da penúria alimentar em que se encontravam, garantindo-lhes o fornecimento de alimentos suficientes para o sustento das suas mulheres e efectivos militares durante o conflito contra o Bárbaro¹². Ainda do lado grego, deparamos com novo recurso à oferta de víveres, como moeda de troca de uma aliança. Quem recorre a tão poderosa arma negocial é o ambicioso tirano de Siracusa, Gélon. Além de barcos de combate e de numerosas forças terrestres, o senhor de uma região famosa pela sua abundância cerealífera, propõe-se fornecer o trigo necessário para alimentar a totalidade do contingente heleno até ao final da guerra (7. 158. 4). Se a dádiva representa gastos relevantes, a contrapartida exigida não é de menor importância: o comando supremo da frente aliada grega (7. 158. 5). Ou seja, o abastecimento alimentar de um exército implica um esforço económico tão significativo que pode servir de moeda negocial para alianças militares.

Boa parte da marcha dos homens de Xerxes rumo a Atenas faz-se em território não hostil e, curiosamente, pode mesmo contribuir para algum incremento de determinados nichos económicos. Recorde-se que, por ocasião da construção da ponte sobre o Bósforo, Heródoto afirma que foi criado um mercado especificamente para servir os obreiros (7. 23. 4), verdadeiros residentes temporários *avant la lettre*. No âmbito dessa tão bem planeada campanha e na tentativa de minorar o risco de carência alimentar que sempre envolve a incerteza das razias em território inimigo, o monarca manda instalar armazéns de cereais, isto é ‘celeiros’ (*sitia*, 7. 25. 1), em pontos diversos do itinerário a tomar até chegarem ao destino. Localizados em sítios de fácil acesso por via marítima e fluvial¹³, receberam

12 Este estado periclitante da economia pós-guerra ateniense é denunciado precisamente pela alusão no texto à destruição infligida, por duas vezes, às suas colheitas (8. 142. 3). Uma dessas devastações ocorrera em 480, por ocasião da invasão persa da Ática. A segunda, em 479, na realidade não teria ocorrido, pela simples razão de que os campos não haviam sido semeados, mas fica implícita, uma vez que corresponde a uma efectiva privação de sustento agrícola local.

13 Como observa Schrader (comm. ad loc., n. 166), os víveres aí armazenados não se destinariam a prover as refeições cozinhadas no local, mas sim a permitir um reabastecimento, aliviando a quantidade de alimentos que tinham de ser carregados desde o ponto de partida do exército. Os sítio escolhidos reuniam condições geográficas para fazer carregamentos tanto para as embarcações como para os animais (Leucate, um cabo situado no Mar de Mármara; Tirodiza, outra zona da mesma costa da Propôntide; o Dorisco, na costa da Trácia, banhado pelo rio Hebro, servia, desde o tempo de Dario, de quartel a uma guarnição persa; Éion, na foz do rio Estrímon, na Macedónia).

aprovisionamento, destinado a pessoas e animais, vindo de vários pontos da Ásia, em navios comerciais e cargueiros (7. 25. 2).

O transporte de víveres, no entanto, fazia-se não só por mar, mas também por terra, o que implica, no primeiro caso, incluir, no contingente que há-de acompanhar o exército em campanha, os serviços de barcos comerciais, os chamados *ploia* (7. 1. 2) ou, numa terminologia mais expressiva, ‘barcos de transporte de víveres’ (*ta sitagoga ploia*: 7. 184. 5, 186. 1, 191. 1). O percurso terrestre era efectuado por ‘bestas de carga’ (designadas *hypozygia* - 7. 55. 1, 109. 2, 187. 1; 9. 39. 2 - ou *ktene ta achthophora* - 7. 187. 1). Em muitos casos (como os acabados de enunciar), não se especifica as espécies em causa (sendo vulgar o recurso a mulas e burros), mas noutros, refere-se expressamente tratarem-se de camelas¹⁴ – justamente chamadas ‘camelas que transportam víveres’ (*ai sitophoroi kameloi*, 7. 125. 1).

Quanto aos géneros alimentares aprovionados, os detalhes de que dispomos são muito poucos. Conforme fomos assinalando, Heródoto emprega sobretudo termos genéricos (*phorbe* e *sitos*). Tratar-se-iam preferencialmente de alimentos básicos, de fácil transporte e longa conservação, como era o caso dos cereais. A primazia deste produto no domínio das ‘provisões’ pode ajudar a explicar o porquê de a palavra ‘cereal’ (*sitos*) ter adquirido o sentido genérico de ‘comida’. O facto de, a propósito do abastecimento de alimentos destinados aos construtores da ponte colocada sobre o Bósforo por ordem de Xerxes, se especificar que aí chegava, vindo da Ásia, *trigo moído* (7. 23. 4), sugere que os cereais circulariam tanto em grão, como em farinha. Aliás, aquela seria sobretudo a forma das rações destinadas aos animais, ao passo que esta se destinava a consumo humano.

14 Também vêm referenciadas na campanha de Ciro contra Creso (1. 80. 2), passo em que se especifica uma outra função destas bestas, o transporte de equipamento, como seriam as tendas, objecto para que remete o adjectivo grego composto *skénophoros* (‘carregador de tendas’). Na campanha de Cambises contra os Egípcios, foram usadas para transportar odres de água (3. 9. 1). Krentz (2007: 152-153) faz uma reflexão sobre as diferentes espécies de animais usados para transporte. Informa que as mulas e os burros se adaptam melhor a percursos mais agrestes (carreiros), ao passo que os bois, mais resistentes e sobretudo usados para puxar carros, se adequariam à deslocação em trajectos mais regulares (estradas). Além dessas diferenças, o historiador enuncia como principais vantagens dos carros sobre os animais de carga os seguintes aspectos: permitem o transporte mais rápido de soldados frescos para os lugares de combate; servem de barricadas protectoras dos acampamentos; permitem a retirada de soldados feridos e seu transporte até aos locais de assistência médica.

De que outros víveres se fazem acompanhar os guerreiros bárbaros? Numa descrição um pouco mais detalhada da lista de produtos alimentares levados por Ciro da pátria, quando avança contra o reino da Babilônia (tomada em 540 a. C.), Heródoto identifica, além dos cereais, outros dois produtos: gado e água (1. 188. 1). Esta é, de acordo com a fonte em análise, a tríade alimentar sobre a qual assenta, mais do que a sobrevivência de um exército, o seu desejado sucesso em campanha.

Quanto às necessidades de carne, particularmente sentidas por quem dispense esforços físicos violentos, como é o caso dos guerreiros, enquadram-se muito bem no retrato etnográfico tecido pelo historiador para Persas e Citas¹⁵. É, pois, natural que Heródoto atribua a povos caracterizados por uma dieta fortemente baseada no consumo de animais um particular cuidado na inclusão de carne nas provisões que fazem para campanhas militares.

Em termos de abastecimento de água, atenção redobrada exige a que se destina às pessoas, uma vez que, mais do que no caso das bestas, a ingestão de água imprópria para consumo pode comprometer de forma fatal as suas vidas. Aliás, o passo que temos estado a considerar (1. 188) revela que, em tratando-se da mais alta figura da hierarquia social persa, o rei, as medidas de prevenção tomadas relativamente a este produto vital assumem contornos muito próprios. O suserano persa só bebe água do rio Coaspes, que corre ao lado de Susa, cumprindo-se a exigência de esta ser previamente fervida, requisito que parece ditado pelo tabu da impureza¹⁶. Para assegurar o seu transporte e a garantia de que o soberano apenas bebe água considerada pura, guardada em vasos de prata, integram, com essa função, a comitiva régia em campanha vários carros de quatro rodas, puxados por mulas.

Claro que, na sua longa marcha, o exército persa foi estacionando próximo de rios, onde podia matar a sede a animais e homens, provocando em alguns dos caudais, mais reduzidos no Verão, o seu esgotamento (7. 21. 1, 127. 2, 187. 2, 196) ou verificando-se a insuficiência dos mesmos

15 A propósito dos Citas reaparece a inclusão específica de gado na referência às reservas guardadas para abastecer os guerreiros no confronto contra Ciro (4. 121).

16 Para Asheri (1994: com. ad loc.) estes preceitos derivariam da própria dignidade sacerdotal do rei e do culto que na religião persa se consagrava à água e aos rios. Já Briant (1996: 274-275) considera que essa prática tinha a ver antes com razões de segurança e saúde do monarca. Ou seja, o rei só bebia a água que era especialmente trazida para ele do rio Coaspes e servida por pessoal de confiança, por forma a evitar tentativas de assassinato e por lhe serem reconhecidas propriedades medicinais. Do mesmo autor, leia-se também o artigo de 1990.

para saciar tão numerosa hoste (7. 58. 3, 108. 2). Daí que Temístocles tenha escolhido precisamente os lugares de ‘águas potáveis’ (*ta potima hydata*, 8. 22. 1) para deixar gravadas na pedra mensagens aos Gregos da Iónia que integravam o contingente medo-persa, com o pedido de que abandonassem o lado do Bárbaro. Porém, em determinados casos, como foi o de um lago da Trácia (próximo do rio Nesto), por serem demasiado salobras, as suas águas apenas serviram para matar a sede aos animais (7. 109. 2). No entanto, a referência à abundância de peixes no local, faz-nos pensar que este produto alimentar fresco poderia ter sido eventualmente aproveitado para incluir temporariamente na dieta dos guerreiros. Uma outra referência curiosa relativamente à influência da água ingerida na saúde dos combatentes consiste em afirmar que foi a mudança das águas, associada a um consumo abundante de alimentos após prolongada carência, o factor responsável por elevadas baixas entre os efectivos de Xerxes no seu regresso à pátria (8. 117. 2).

Se, como acabámos de constatar, a tipologia dos víveres transportados e armazenados se reduz a uma nomenclatura genérica (em que vislumbremos a presença obrigatória de cereais, forragens, farinha, carne e água), deparamos com algum refinamento alimentar no quadro específico das refeições do rei e seu *entourage* (8. 119. 3)¹⁷. Embora Heródoto apenas proceda a uma única descrição pormenorizada dos longos preparativos e elevados custos que localmente eram exigidos às populações que, em resposta ao apoio solicitado pelos arautos de Xerxes (*para que preparassem os banquetes destinados ao monarca*, 7. 32. 1), se comprometiam em assegurar uma recepção condigna ao novo senhor, aí encontramos uma série de informações que interessam à temática que estamos a analisar.

Nos caps. 118-120 do livro 7º, dá-se conta das implicações económicas e sociais do compromisso político que significa ‘oferecer o banquete’ (*deipnizontes...deipnisasi*, 7. 118. 1) régio. Os elevados gastos, a rondar os 10,5kg de prata, acarretaram a penúria de alguns desses anfitriões gregos e não se limitaram aos custos com a alimentação, mas também com o ‘serviço de mesa’ (*hosa epi trapezan*, 7. 119. 2) – de copos e jarras de ouro e prata – e com a tenda (*skene*, 7. 119. 3) para o rei pernoitar. Tal como os alimentos,

17 A temática da “mesa do rei” é tratada em diferentes páginas da obra de Briant, de que destacamos o conjunto das pp. 297-309. Vd. ainda, a propósito do abastecimento régio com base em bens vindos do vasto império aqueménida, Sancisi-Weerdenburg 1995 e Briant 1989.

também estes objectos constituíam verdadeiros presentes de hospitalidade, uma vez que, no momento da partida das tropas, não eram deixados no lugar, mas sim todos recolhidos e levados (7. 119. 4). No que se refere ao menu servido, melhorado para o rei e respectiva comitiva, ficamos com a confirmação de que o alimento que continua a representar a maior fatia da globalidade de víveres consumidos são os cereais. Destinados ao consumo no local, apresentam-se na forma de farinha, tanto de trigo (*aleura*) como de cevada (*alphita*), processo que implicou um dispêndio imputado aos cidadãos, tanto mais elevado uma vez que exigiu, durante muitos meses, o emprego de mão de obra na moagem (7. 119. 2)¹⁸.

Da carne destinada a tão distintos convivas, mantém-se a indicação geral de que se tratava de gado criado para consumo (*ktenea*, por oposição a animais de caça). No entanto, a ocasião impunha a escolha de exemplares de “qualidade superior”, ou como se lê no texto *times ta kallista* (ibidem). À recepção da soldadesca, incluída no nome colectivo *stratos*, destinavam animais de porte mais pequeno, aves terrestres e aquáticas. No entanto, em ambos os casos, estava implícito um grande esforço financeiro por parte de quem recebe, conforme se depreende das seguintes observações de Heródoto: das reses, diz que eram sujeitas a um processo de “engorda” (*esiteuon*¹⁹); das aves, que eram criadas em recintos próprios, capoeiras e tanques.

Embora a presente reflexão incida sobre a relação estreita, que é possível detectar, entre alimentação e guerra nas *Histórias*, no momento em que consideramos o banquete, convém, ainda que de forma breve, notar a presença de indicadores do *nomos* grego da cerimónia em causa. Detalhes sobre essa prática encontramos-os em dois passos em que convivem

18 Sobre o longo tempo que demora o processo de moagem dos cereais e trabalho esforçado que representa (entregue sobretudo aos escravos e às mulheres da família), vd. Wilkins-Hill 2006: 124. Embora o aparecimento da cevada e do trigo tenha sido praticamente simultâneo (8º milénio a. C.), no início do 2º milénio aquela representava a base da alimentação da maioria da população, em particular dos Gregos. É na articulação entre factores de ordem geográfica, climatérica e de produção que se encontra a explicação para o predomínio da cevada sobre o trigo ao longo da história da Grécia Antiga. Como bem sintetizou Braun (1995: 25-26), a produtividade desse cereal é elevada tanto em terrenos férteis e bem irrigados como noutros pobres; não apresenta exigências hídricas comparáveis às do trigo durante a germinação; tem um período mais curto de maturação e resiste bem às doenças; adapta-se tanto a regiões de altas como de baixas temperaturas.

19 O verbo ‘engordar’, à letra significa ‘alimentar a cereais’, uma vez que o verbo *siteuo* pertence à família do substantivo *sitos*. Ou seja, a criação intensiva de gado baseava-se, já na Antiguidade, não só em pastos verdes, mas também secos e respectivo grão.

indivíduos de quadrantes culturais distintos. Refiro-me ao banquete oferecido pelo rei Amintas da Macedónia aos embaixadores de Dario (5. 18-20) e ao que o tebano Atagino fez servir a Mardónio, a cinquenta generais persas e outros tantos tebanos, durante as últimas operações daquele na Hélade (9. 15-16). Se no primeiro caso, o que sobressai é o contraste entre o hábito grego de segregar do simpósio as mulheres da família e a tradição persa de não proceder a semelhante apartamento de géneros, no segundo sobressai a matriz “comunitária”, i. e., de partilha, típica do convívio grego²⁰. A paridade social dos simposiastas, subjacente à noção de comunidade, traduz-se na atribuição aos mesmos de três adjectivos formados por composição de *omo-* (‘comum, mesmo’), a saber: *omoklinos* (‘companheiro de leito’), *omotrapezos* (‘companheiro de mesa’) e *omospondos* (‘companheiro de libações’, 9. 16. 2). Os episódios evocados remetem para o contexto dos banquetes à grega, no entanto, embora Heródoto não se alongue em reflexões sobre a tradição persa, este era o código observado diariamente, quando o rei era servido pelos seus.

Recorrendo uma vez mais, no seu discurso, ao confronto cultural, o historiador põe na boca do general espartano Pausânias (9. 82) a apresentação daquilo que o banquete (*deipnon*) e o modo de vida (*diaita*) persa têm de mais emblemático, o refinamento e o luxo. As iguarias (*agatha*) preparadas à maneira do Medo, pelos seus criados, e servidas num ambiente material de grandiosa opulência (em mesas e leitos revestidos a ouro e prata²¹), chocam com a frugalidade da refeição lacónica, confeccionada por servos gregos e suficientemente conhecida do público helénico de Heródoto para dispensar apresentações, que desempenha no contexto a função paradigmática de simbolizar a pobreza da *diaita* grega.

No domínio da alimentação em que agora nos temos estado a centrar, o da confecção da comida, a preparação de uma campanha militar obriga ao recrutamento de pessoal especializado. As duas grandes categorias existentes à época, conforme atesta a terminologia registada nas fontes mais antigas, como é o caso de Heródoto, consistiam em cozinheiros/as e padeiros/as. Incluídos ambos no grupo abrangente e indiferenciado dos

20 Sobre o simpósio grego, vd. Mühl 1983, Murray 1990 e Wilkins-Hill 2006: 166-184.

21 Tal aparato luxuoso evidenciava-se em várias tendas do acampamento de Mardónio (9. 80), confirmando, assim, que esse era um gosto comum às mais altas patentes, recrutadas no seio da nobreza persa.

‘serviçais’ (*therapeie*, 7. 51. 1; *diakonoi*, 9. 82. 2), confirmam-se, assim, as raízes ancestrais da autonomização de duas técnicas específicas culinárias: a preparação do pão (da competência de padeiros e padeiras²²); a confecção da ‘comida’ (esta da competência, como o próprio nome sugere, das ‘fazedoras de comida’²³) ou dos ‘acompanhamentos/conduitos’ do pão (da responsabilidade dos ‘fazedores de conduitos’²⁴).

Conforme temos vindo a assinalar, um exército não se alimenta apenas dos bens que traz da pátria. Localmente conta com o saque que pode fazer às provisões do inimigo, não só as que o seu solo produz, mas também as importações, significativas, no caso da Grécia continental, sobretudo em cereais, produto em que não era no geral autosuficiente²⁵. Daí que, diante da sugestão de terceiros para que, no Bósforo, onde está estacionado o seu exército, barre a travessia de barcos com carregamento destinado aos seus inimigos gregos, Xerxes pergunte sabiamente: *como é que eles nos prejudicam, se transportam cereais que nos são destinados?* (7. 147. 3). Aliás, esta observação ecoa idêntico argumento, contido no já referido discurso de tranquilização dos temores do tio Artabano. Na ocasião, o monarca sublinhara que :

τοῦτο μὲν γὰρ αὐτοὶ πολλὴν φορβὴν φερόμενοι πορευόμεθα, τοῦτο δέ, τῶν ἄν-
κου ἐπιβέωμεν γῆν καὶ ἔθνος, τούτων τὸν σῖτον ἔξομεν· ἐπ’ ἀροτῆρας δὲ καὶ οὐ
νομάδας στρατευόμεθα ἄνδρας.

Por um lado fazemo-nos acompanhar na nossa marcha por grande quantidade de provisões, pelo outro, a terra e o povo que iremos atacar, é dos seus cereais

22 O nome em causa é *artokopos*, que se usa para os dois géneros. Para o seu emprego no género masculino, cf. 9. 82. 1 (referindo-se aos padeiros que integram a expedição persa chefiada por Mardónio); no feminino é empregue para designar uma padeira de Cresos, cuja memória o soberano imortalizara através da oferenda de uma estátua sua em ouro no templo de Apolo em Delfos (1. 51. 5).

23 Cf. 7. 187. 1: *gynaiques sitopoioi*. O mesmo substantivo ocorre só mais uma outra vez nas *Histórias*, para dar conta de que os Babilónios, para diminuir o número de bocas a sustentar durante o cerco montado por Dario à sua cidade, sacrificaram a população feminina, à excepção das mães e de uma outra mulher, com a função específica de preparar o comer (na proporção de uma por casa).

24 Cf. 9. 82. 1: *opsopoioi*.

25 Sobre a centralidade dos cereais na alimentação dos Gregos, vd. Garnsey 1999: 12-15 e 17-21, Wilkins-Hill 2006: 112-132. As necessidades de abastecimento da população que não é auto-suficiente supriam-se através dos mercados, dinamismo económico a que Garnsey dá particular atenção (op. cit., 22-33).

que nos vamos apoderar! Combatemos contra homens que são lavradores e não contra nômadas.

(7. 50. 4)

Nem sempre, no entanto, os campos cultivados do adversário se destinavam a alimentar o atacante. Se foi essa a razão determinante para o rei lídio Aliates (617-560 a. C.) atacar os Milésios na época das colheitas (*karpoi*, 1. 17), bem como a razão para Euribíades acreditar que Mardónio se sentiria animado para continuar o combate terrestre em território heleno (8. 108. 3), por vezes os frutos das árvores e dos campos eram sacrificados à destruição do fogo posto (1. 19. 1). Além das óbvias dificuldades de subsistência em que se deixava o inimigo, há que não esquecer que, por essa via, o sentimento de apego dos homens à terra que cultivam não se extingue, mas inflama-se. A interrupção temporária dos conflitos dava a estes tempo de voltarem a semear e àqueles a garantia de novas messes para pilhar (1. 17. 3). Importa também referir, neste contexto de referência à destruição dos campos, que a mesma podia ser motivada, cumulativamente ou não às razões alimentares, por outro desígnio: servir de lugar para estabelecer o acampamento das tropas. A essa realidade reporta-se Heródoto em 1. 76. 1, ao afirmar que Creso, no avanço sobre a Capadócia, devastou as ‘terras’ (*kleroi*) dos Ptérios, para aí ‘estacionar o exército’ (vb. *stratopedeuo*).

Além dos produtos destinados ao sustento das populações locais, também os carregamentos transportados para os acampamentos eram alvo de saque. Conta disso nos dá Heródoto em 9. 39, quando descreve o massacre efectuado por um contingente persa sobre homens e bestas de carga que do Peloponeso traziam víveres (*sitia*) para os Gregos estacionados junto a Plateias. Mortos à parte, o historiador relata que ‘o resto’ (*ta loipa*) – termo genérico em que subentendemos a alusão a alguns sobreviventes e às provisões – foi levado para o acampamento dos atacantes.

Temos, até ao momento, deixado passar a ideia, desadequada no contexto das Guerras Medo-Persas, incapazes de congregar a totalidade das *póleis* gregas na guerra contra as forças dos reis persas, de que os bens alimentares da Hélade foram alvo apenas dos ataques dos Bárbaros. Não! Quando não entregues voluntariamente às tropas da aliança helénica, tais bens, vitais para a boa forma dos guerreiros e condenados a ser alvo da espoliação do invasor, acabaram por ser tirados pela força por Gregos a outros Gregos. Aliás, era melhor que fosse assim do que, como habilmente argumenta Temístocles nas vésperas da batalha de Salamina, caírem nas mãos dos inimigos (8. 19. 2).

Importa ainda não esquecer que não é só quem se desloca que cobiça os bens que se lhe deparam no caminho. Também os produtos que estes transportam consigo exercem o mesmo efeito sobre os locais. A propósito dos Gregos de Focéia, e para atestar que não se deve falar de medização generalizada dessa gente, Heródoto esclarece que *lançavam-se à pilhagem* do exército de Mardônio e dos Helenos que o acompanhavam (9. 31. 5).

2. 1. 3. Itinerário das tropas e acampamentos

O contributo que produtos e abastecedores locais podem dar a uma guerra são de tal forma ponderados na preparação de uma campanha que Heródoto enfatiza, por várias vezes, a influência que esses factores tiveram na escolha dos lugares para fazer avançar as tropas e para estabelecer os acampamentos.

Nos passos que atrás recolhemos relativos aos cursos de água fluvial, aproveitados para matar a sede de pessoas e animais, e a zonas portuárias costeiras, propícias ao descarregamento de víveres vindos por mar, já se tornara evidente a influência que o abastecimento alimentar dos contingentes tem no percurso definido para o avanço das hostes. Neste momento limitá-
-nos-emos a considerar episódios em que essa relação de causalidade vem explicitada para a escolha do local de passagem e de estacionamento dos contingentes. Este é precisamente o caso do penúltimo trecho que considerá-
-mos (8. 19. 1), em que se diz que Temístocles reuniu os comandantes gregos num lugar da costa para onde os Eubeus tinham guiado os seus rebanhos. Idêntica argumentação encontramos na tentativa frustrada de Alexandre da Macedónia²⁶ de convencer os Atenenses a passarem-se para o lado dos Persas. Porque o lugar onde vivem fica no caminho que o exército terrestre invasor tem de tomar e as características geográficas da terra que possuem são excelentes para o confronto de forças oponentes, por estas duas razões constituem os alvos privilegiados dos ataques inimigos (8. 140 β 3).

Também a decisão dos Gregos de mudarem as suas tropas do sopé do Cítéron (9. 19. 3) para Plateias (9. 25. 2) resultou da avaliação da geografia do ‘lugar’ (*choros*). Além de ser *mais adequado para acampar* do que a zona de Éritras, de onde vinham, oferecia entre outras vantagens (que o historiador não discrimina), a de ser ‘bem mais rica em água’ (*euydroteros*), referindo-se às imediações da fonte Gargafia, onde ‘estabelecem o acam-

26 Filho de Amintas (540-498 a. C.), sucede ao pai no reino da Macedónia (498-454 a. C.).

pamento' (*stratopedeuesthai*). No seguimento dos confrontos, os Gregos vêem-se obrigados a uma terceira mudança de acampamento, ditada tanto pela escassez de provisões, como, uma vez mais, pela falta de água (9. 50). A diferença relativamente aos motivos do anterior traslado deriva do facto de terem sido manobras dos inimigos a causar tais carências. De facto, conforme referimos atrás, as provisões que vinham do Peloponeso haviam sido saqueadas por um contingente persa (9. 39. 2). Já a água da Gargafia também deixara de prestar, uma vez que os inimigos se apoderam da fonte, para procederem ao seu entulhamento. Ou seja, as águas, ao ficarem turvas, tornam-se impotáveis (9. 49. 2). Os Gregos mudam-se, agora, para uma colina rodeada por dois pequenos rios, de cuja união nascia o Oéroa, local que escolhem *para poderem usufrir de água sem qualquer reserva* (9. 51. 3).

A falta de víveres, a par da carência de água, pode levar, em situações extremas, à fome. Cientes de que esta constitui um perigo maior de enfraquecimento, doença e morte dos exércitos, os generais temem-na (como vimos *supra*, a propósito dos conselhos de Artabano a Xerxes: 7. 49. 5), reformulam estratégias por sua causa e assistem aos efeitos nefastos que provoca nos homens que comandam. Segundo Heródoto, Histieu de Mileto abandona a ilha de Lesbos, desistindo temporariamente do desígnio de continuar a conquistar territórios para a sua soberania, *porque o seu exército passava fome* (6. 28. 2). Os rumos que toma levam-no à costa fronteiriça da Ásia Menor, mais propriamente a duas regiões conhecidas pela sua fertilidade em cereais, o Atarneu e a planície banhada pelo rio Caíco, em busca do produto que desejava recolher (*ibidem*).

Quanto ao rei Minos e aos Cretenses, desistiram de um cerco de cinco anos a Camico na Sicília, *constrangidos pela fome* (7. 170. 2). Desfecho semelhante, para os Pisistrátidas, tem o cerco que lhes monta Cleómenes de Esparta, se bem que por razões exactamente opostas. Ou seja, não é a fome que dita o fim do conflito, mas sim o bom aprovisionamento dos sitiados, de quem se diz que *possuíam boas reservas de alimentos e bebida* (5. 65. 1). O mais comum, nos cercos, é, no entanto, esperar que a população sitiada se renda ou morra vítima da doença e da fome. Recordemos, a este propósito, ao ponto a que pode chegar a criatividade humana para enganar a fome, tal qual nos a descreve o historiador a propósito do cerco montado pelos Atenienses a Sesto, no rescaldo da batalha de Mícale:

Οἱ δὲ ἐν τῷ τείχεϊ ἐς πᾶν ἤδη κακοῦ ἀπιγμένοι ἦσαν, οὕτως ὥστε τοὺς τόνους ἔψοντες τῶν κλινέων ἐσιτέοντο.

Os que se encontravam dentro das muralhas tinham chegado a tal penúria que coziam as correias das camas e comiam-nas

(9. 118. 1)

Ferver as estruturas de couro sobre as quais assentavam os colchões em que se deitava a população retrata um quadro de carência alimentar extrema, cujo resultado final foi a rendição da cidade.

Quando a fome assola um exército em marcha, Heródoto oferece ao seu público relatos em que a substituição progressiva da dieta dos soldados por produtos estranhos ao contexto alimentar humano traduz uma degradação progressiva dos Homens em bestas. Nos livros 3º (cap. 25) e 8º (cap. 115) assistimos a dois relatos deste género, embora no primeiro o historiador tenha carregado mais nas tintas negras da ruína. A Cambises, conhecido por ser o ‘rei louco’ das *Histórias*²⁷, imputa o autor da obra as culpas pelo redundante fracasso da expedição persa enviada contra os Etíopes de Longa Vida. Esse insucesso radica, em primeira instância (e como bem sublinha o historiador), na falta de aprovisionamento de víveres (. 25. 1) em quantidade suficiente. Quando os alimentos (*sitia*, 3. 25. 4) acabam, introduzem-se na dieta dos combatentes elementos que lhe são não só alheios – como é o caso dos animais de carga e *do que arrancam à terra* (paráfrase de ‘ervas’) – mas até avessos à sua condição humana. Referimo-nos, neste caso, ao canibalismo, ou como se diz em grego à *allelrophagia*, i.e., ‘ao comerem-se uns aos outros’ (3. 25. 7), comportamento fortemente condenado por Heródoto, que não hesita em denominá-lo de ‘acto abominável’ (*deinon ergon*, 3. 25. 6).

A outra descrição que as *Histórias* apresentam de uma marcha mal planeada em termos de provisões é a da retirada ‘apressada’ (*kata tachos*, 8. 115. 1) de Xerxes e do exército que o acompanha, após o desaire da batalha de Salamina. Embora possa conter algum exagero, destinado a completar o perfil da culpa de Xerxes na queda do expansionismo persa em direcção à Grécia continental, a ideia de que o rei se pôs em marcha sem quaisquer reservas alimentares subjaz à afirmação de que *se alimentavam das colheitas que assaltavam* (8. 115. 2)²⁸. De novo o historiador recorre à imagem da degradação da condição humana através da composição da dieta

27 Sobre o retrato de Cambises, vd.: Immerwahr 1966: 167-169, Waters 1971: 53-56, Silva 1997, Soares 2003: 418-442.

28 Para uma reflexão mais atenta sobre a figura de Xerxes, vd. Immerwahr 1966: 176-183, Waters 1971: 65-85, Sancisi-Weerdenburg 2002, Silva 2001.

dos guerreiros, retrato que sobressai da seguinte sequência de alimentos: depois das colheitas, retiradas dos campos e das árvores, e quando já nada resta para colher, os homens passam a comer as ervas da terra e as cascas e folhas de toda e qualquer árvore (seja ela silvestre ou doméstica). Mal alimentados, sofrem no corpo os efeitos esperados da subnutrição e de erros alimentares, as doenças. No caso concreto, o diagnóstico do historiador recai sobre aqueles que eram os quadros clínicos mais vulgares em semelhantes contextos: a peste (*loimos*) e a desinteria (*dysenterie*, 8. 115. 3). Em suma, ‘por causa da fome’ os indivíduos desviaram-se dos hábitos alimentares a que tinham acostumado o seu organismo, acabando por pagar, por essa transgressão, o preço alto da doença e, em alguns casos, da morte (*ibidem*).

Ainda a propósito das consequências que advêm de retiradas apressadas e mal planeadas dos exércitos, agravadas pelo desgaste físico que longas marchas lhes provocam, veja-se o que nesta matéria conta Heródoto em 9. 89. Além de insistir em aspectos que já encontrámos na descrição da retirada das tropas terrestres de Xerxes – como a ‘pressa’ (*spoude*, 89. 4), sinónimo de precipitação, e a ‘fome’ (*limos*, *ibidem*) – o autor coloca igualmente a tónica num outro factor, o ‘cansaço’ (*kamatos*), que, associado aos anteriores, explica baixas provocadas por “razões naturais” entre os efectivos de um exército.

2. 2. Alimentação como “estratégia de guerra”

Consideremos, finalmente, a aplicação prática que a alimentação pode assumir em contexto bélico, de estratégia definida para atacar o inimigo.

Conforme vimos anteriormente, também longe de casa os exércitos contavam com o saque dos bens locais para reabastecerem as suas cozinhas de campo. Tenhamos, agora, em conta o exemplo de como um dos lados do conflito, o dos invadidos (neste caso os Citas), procura tirar, a médio prazo, vantagem desse hábito do atacante, sob comando de Dario, de saquear os rebanhos dos pastores autóctones (4. 130). Com o propósito de prolongar a permanência do inimigo na sua terra, levando desta forma ao esgotamento das provisões alimentares que traziam consigo (as únicas seguras!), os Citas entregam a pastores parte do seu gado. Nos ataques que fazem a estes rebanhos, os Persas conseguem uma captura fácil, o que lhes dá ânimo para se manterem em território hostil. A capitulação acabará por chegar, quando os Citas decidirem inviabilizar os saques do invasor, uma vez que era apenas por vontade sua que se davam as referidas facilidades de abastecimento de víveres. Importa, no entanto, lembrar que os mesmos

Citas haviam começado por adoptar a estratégia precisamente oposta. As fontes entulhavam-nas de terra e do solo arrancavam até as ervas (4. 120. 1), pois, como vimos, podiam servir de alimento aos homens em contextos de maior carência alimentar. Ainda sem sairmos do universo das estratégias citas, note-se que esses guerreiros aproveitam também para atacar quando o inimigo está, se não mais distraído, pelo menos com a atenção centrada noutro desígnio, que não o de lutar contra o adversário. Referimo-nos precisamente aos ataques que fazem aos Persas *quando eles estão a pilhar alimentos* (4. 128. 2).

Criar, ainda que por um tempo limitado, condições boas de aprovisionamento de bens alimentares aos inimigos constitui, como acabamos de perceber, uma jogada claramente destinada a promover o desígnio final da sua derrota. No fundo, trata-se, do ponto de vista dos princípios estratégicos, de aproveitar as debilidades do inimigo. Se o que determina o tempo que um contingente pode permanecer em território hostil é a capacidade de garantir o sustento dos seus homens, apoderar-se do controlo desse sustento significa, pois, dominar o adversário. Nesta mesma linha de pensamento histórico-literário do autor – que consiste em tirar proveito das fraquezas do opositor no domínio da dieta, articulando-as com uma encenação do sucesso precário que àquele assiste – insere-se o episódio do ‘festim’ (*diaite*) do exército Masságeta comandado pelo príncipe Espargápises (1. 207-211).

Considerá-lo-emos em conjunto com outros dois passos das *Histórias*, que, ao que sabemos, não têm sido tidos em conta quando se analisa este famosíssimo trecho do livro 1º. Referimo-nos ao terceiro golpe que conduziu, uma vez mais, Pisístrato ao poder em Atenas (1. 63) e ao massacre infligido pelos homens do Espartano Cleómenes aos Argivos, durante a tentativa fracassada para tomar Argos (6. 78). O que nos leva a relacionar os episódios em questão é, precisamente, o terem por denominador comum o facto de o momento da refeição e o espaço de tempo que imediatamente se lhe sucede constituírem ocasiões em que um adversário fica mais vulnerável a sofrer um ataque bem sucedido.

As ilações que das palavras do historiador podemos retirar revelam conhecimentos que, embora do senso comum, foram aproveitados como estratégias de guerra eficazes. Comer e beber bem, em quantidade e qualidade, tem o efeito de retirar agilidade física aos corpos, o que, em situações de mais elevado consumo ou de maior descontração dos sujeitos, resulta em ceder ao sono. Pisístrato decide invadir Atenas ‘depois do almoço’ (*meta to ariston*, 1. 63. 1), altura em que, como nos é dado suspeitar, a resistência

armada seria diminuta, pois, segundo esclarece Heródoto, *uns entregavam-se aos dados e outros ao sono* (ibidem). Cleómenes, por seu turno, uma vez que não dirige o seu ataque contra civis, mas sim contra homens armados, ordena que se lancem sobre eles, ‘enquanto almoçam’ (*ariston gar poieumenoisi*, 6. 78. 2). Neste caso, como em outros já analisados, a estratégia assenta, uma vez mais, em enganar o adversário²⁹. Na verdade, mesmo durante as refeições, a vigilância das tropas, embora parcialmente diminuída, nunca ficava reduzida a um nível (quase) zero, como parece suceder no episódio em apreço. Tal relaxamento derivava do facto de os Argivos estarem habituados a seguir os toques dos arautos do acampamento inimigo. Assim, comiam quando aqueles davam sinal aos seus para comer. Daí que tenha sido fácil ao rei Cleómenes ludibriar o inimigo, tendo bastado industriar os seus homens no sentido de, ao toque para almoçar, pegarem em armas e avançarem sobre o acampamento adversário, em vez de agirem em consonância com o significado dos sons emitidos.

Voltemos ao relato da vitória de Ciro sobre os Masságetas, uma vez que nos interessa apurar de que maneira o historiador evidencia como, mesmo que apenas no plano estritamente ficcional e literário, os padrões alimentares dos protagonistas da guerra assumem um papel decisivo no resultado de uma batalha. O princípio estratégico subjacente ao ardil continua a ser o de tirar partido das fragilidades do inimigo. Caracterizados segundo os parâmetros do bárbaro primitivo, com uma dieta em que se destaca o consumo de carne e na qual o leite assume o lugar de bebida típica, os Masságetas caem facilmente no engodo alimentar que lhes lança o sofisticado inimigo persa, para mais aconselhado pelo antigo rei da Lídia, terra conhecida pelas suas abundantes ‘delícias’ (*agatha*) e ‘belezas’ (*kala*). Não estranhamos, por conseguinte, que este aconselhe o seu novo senhor, Ciro, a deixar o acampamento persa entregue à guarda de um contingente menos forte, logo, fácil de vencer, acompanhado de um lauto banquete.

Variedade, quantidade e qualidade são três requisitos observados na preparação desse menu destinado a empanturrar e adormecer os valerosos Masságetas (1. 211. 2). A componente sólida da refeição (uma vez mais designada através dos genéricos *sitia* e *phorbe*³⁰) em que se aposta, para

29 Repare-se que o substantivo ‘dolo’ (*dolos*) aparece tanto na definição do plano de Cleómenes como no de Ciro, delineado por Crespo, para apanharem desarmados os inimigos (cf. 6. 77. 1 e 1. 205. 2).

30 Cf. 1. 207. 6 e 211. 2, respectivamente.

garantir a adesão imediata dos convivas a que se destinam, corresponde ao alimento mais emblemático da dieta masságeta: a carne. Talvez por isso, Crespo, cérebro de semelhante estratégia, tenha sugerido que se preparassem reses, muitas e variadas (1. 207. 6). Mas porque, tal como sucede ainda hoje, a novidade desempenha papel ponderante na atracção que um prato pode exercer sobre os comensais, o Lídio aconselhou que tivessem lugar de honra – distinção uma vez mais traduzida na abundância (cf. uso repetido do advérbio *apheideos*, ‘sem conto’) – o vinho e *alimentos de toda a espécie* (*sitia pantoia*, *ibidem*).

Habituados a beber apenas leite (a ponto de serem qualificados com o epíteto ‘bebedores de leite’, *galaktopotai*, 1. 216. 4), os Masságetas sofrem no corpo o adormecimento que a embriaguez traz consigo. Porque retira aos guerreiros a força que os tornava valentes, o vinho vem justamente denominado pela rainha do povo ultrajado de ‘droga/mezinha’ (*pharmakon*). Quanto aos tais ‘alimentos variados’, não o esqueçamos, vêm expressos em grego pela palavra *sitia*, que, como denuncia a etimologia, remete para os cereais (*sitōi*), frutos do trabalho agrícola, também estes um mundo desconhecido do povo nómada a que são servidos³¹. Fartos de comida e bebida, os guerreiros masságetas adormecem, transformando-se em presa fácil de um contingente persa que os surpreende nesse estado de letargia.

Recapitulando, um tal festim corresponde, pelo que nos é dado perceber, ao retrato do universo dietético do Persa, o mesmo é dizer, ao desconhecido perigoso em que penetra um ‘outro’ culturalmente distinto, o Masságeta. Se considerarmos este episódio à luz dos valores universais que transpiram da obra herodotiana, somos levados a concluir que a estratégia de guerra usada por Ciro confirma a máxima geral de que a ‘transgressão’ (*anomia*) acarreta inevitavelmente a punição dos ‘transgressores’ (*anomoi*), assumindo esta, a maior parte das vezes e como confirma o caso presente, a forma de ‘morte’ (*thanatos*)³². Os Masságetas foram massacrados, porque estavam desarmados – esta é a causa directa da sua morte. Mas também porque,

31 Heródoto esclarece que os Masságetas não semeiam a terra, mas se sustentam de gado e dos peixes que vivem no rio Araxes, ou seja, desconhecem os frutos que a terra produz graças à agricultura. Sobre a importância da dieta como elemento obrigatório da caracterização etnográfica dos vários povos bárbaros descritos nas *Histórias*, leia-se Soares 2005: 121-132.

32 A análise da importância do tema da morte nas *Histórias* foi assunto que já tratámos por diversas vezes (cf. Soares 2002, 2003 e 2007).

enquanto transgressores do *nomos*, deviam morrer – isto à luz da ética clássica veiculada na obra herodotiana.

3. Conclusão

A análise produzida permite-nos concluir que uma das principais fontes escritas de que dispomos para reconstituir o pensamento grego clássico sobre a guerra, as *Histórias* de Heródoto, confirma a preponderância de questões alimentares/económicas na justificação, planeamento e execução de conflitos armados.

Mais: é na compreensão desta relação estreita entre “alimentação” e “guerra” que captamos o sentido original do protocolo persa para indicar a submissão de um povo – a entrega de terra e água ao Grande Rei. Quando as *póleis* gregas oferecem ao novo senhor os bens solicitados, traduzem com esse gesto o reconhecimento que lhe conferem de possuir os frutos das suas terras e águas (sejam elas doces ou salgadas), na Antiguidade (talvez mais do que hoje), fontes primeiras da sobrevivência e autonomia (não só económica, mas também política) de um povo.

Bibliografia

- Anderson, J. K. (1970), *Military Theory and Practice in the Age of Xenophon*. Berkeley.
- Asheri, D. (1994, 4ª ed.), *Erodoto, Le storie. Libro I. La Lidia e la Persia*. Testo e commento. Traduzione di Virgino Antelami. Milano.
- Briant, P. (1989), “Table du roi. Tribut et redistribution chez les Achéménides”, in P. Briant and C. Herrenshmidt, (eds.), *Le tribut dans l’empire perse*. Paris.
- (1990), “L’eau du grand roi”, in *Convegno bere e bevande nella cultura alimentare dell’ Oriente pre-classico*. Rome.
- (1996), *Histoire de l’empire perse. De Cyrus à Alexandre*. Paris.
- Braun, Th. (1995), “Barley Cakes and Emmer Bread”, in J. Wilkins, D. Harvey and M. Dobson (eds.), *Food in Antiquity*. Exeter, 25-37.
- Dalby, A. (2000), “To Feed a King. Tyrants, Kings and the Search for Quality in Agricultural and Food”, *Pallas* 52: 133-144.
- (2003), *Food in the Ancient World. From A to Z*. London and New York.
- Engels, D. (1978), *Alexander the Great and the Logistics of the Macedonian Army*. Berkeley.

- Flower, M. (2006), “Herodotus and Persia”, in C. Dewald and J. Marincola (eds.), *Cambridge Companion to Herodotus*. Cambridge, 274-289.
- García Soler, M. J. (2000), “Il vino come element di civiltà nella Grecia antica”, in D. Tomasi, Ch. Cremonesi (eds.), *L'avventura del vino nel bacino del Mediterraneo. Itinerari storici ed archeologici prima e dopo Roma*. Treviso, 175-182.
- (2001), *El arte de comer en la antigua Grecia*. Madrid.
- Garland, Y. (1989), *Guerre et économie en Grèce ancienne*. Paris.
- Garnsey, P. (1999), *Food and Society in Classical Antiquity*. Cambridge.
- Hanson, V. D. (1998), *Warfare and Agriculture in Classical Greece*. Revised edition. Berkeley, Los Angeles, London.
- Immerwahr, H. R. (1966), *Form and Thought in Herodotus*. Cleveland.
- Krentz, P. (2007), “War”, in Ph. Sabin, H. van Wees, M. Whitby (eds.), *The Cambridge History of Greek and Roman Warfare*. Cambridge, 147-185.
- Lateiner, D. (1989), *The Historical Method of Herodotus*. Toronto.
- Lenfant, D. (2002), “Le vin dans les stéréotypes ethniques des Grecs. Du rôle de la norme en ethnographie”, in J. Jouanna et L. Villard (eds.), *Vin et santé en Grèce ancienne*. BCH supplément 40, 67-84.
- Long, T. (1987), *Repetition and Variation in the Short Stories of Herodotus*. Frankfurt am Main.
- Lourenço, F. (2005, 6ª ed.), *Homero. Odisseia*. Lisboa.
- Mühl, P. von der (1983), “Il simposio greco”, in M. Vetta (ed.), *Poesia e simposio nella Grecia antica*. Bari, 3-28.
- Murray, O. (1990), “Symptotic History”, in idem (ed.), *Symptotika. A Symposium on the Symposion*. Oxford, 3-13.
- Notario Pacheco, F. (2011), “Comer como un rey : percepción e ideología del lujo gastronómico entre Grecia y Persia”, in J. M. Cortés Copete, E. Muñiz Grijalvo, R. Gordillo Hervás (eds.), *Grecia ante los imperios. V reunión de historiadores del mundo griego*. Sevilla, 93-106.
- Pritchett, W. K. (1971), *The Greek State at War. Part I*. Berkeley.
- Sancisi-Weerdenburg, H. (1995), “Persian Food: Stereotypes and Political Identity”, in J. Wilkins, D. Harvey & M. Dobson, *Food in Antiquity*. Exeter, repr. 2003, 286-302.
- (2002), “The Personality of Xerxes, King of Kings”, in E. J. Bakker, I. de Jong, H. van Wees (eds.), *Brill's Companion to Herodotus*. Brill, Leiden, Boston, Köln, 579-590.
- Schrader, C. (1997), *Heródoto, Historia. Libro 7*. Madrid.

- Silva, M. F. (1997), “Cambises no Egipto. Crónica de um rei louco”, in J. A. Sanchez Marín, J. Lens Tuero, C. L. Rodríguez (eds.), *Historiografía y bibliografía*. Madrid 1-14.
- (2001), “O desafio das diferenças étnicas em Heródoto. Uma questão de inteligência e saber (2)”, *Humanitas* 53: 3-48.
- Soares, C. (2002), “A morte: critério de felicidade nas *Histórias* de Heródoto”, *Humanitas* 54: 117-64.
- (2003), *A morte em Heródoto. Valores universais e particularismos étnicos*. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia. Lisboa.
- (2005), “A visão do “outro” em Heródoto”, in M. C. Fialho, M. F. Silva, M. H. Rocha Pereira (eds.), *Génese e consolidação da ideia de Europa. Vol. I: de Homero ao fim da época clássica*. Coimbra, 95-176.
- (2007), “*Nomos, Anomia y Thanatos en las Historias de Heródoto. Nomos, Anomia and Thanatos in the Histories of Herodotus*”, in *La palabra fundante. The founding word. Iter*, vol. XV Encuentros. Centro de Estudios Clásicos. Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, Chile, 343-361.
- Tritle, L. (2006), “Warfare in Herodotus”, in C. Dewald and J. Marincola (eds.), *Cambridge Companion to Herodotus*. Cambridge, 209-223.
- Waters, K. H. (1971), *Herodotos on Tyrants and Despots. A Study in Objectivity*. Historia Einzelschriften 15. Wiesbaden.
- Wilkins, J. M. and Hill, S. (2006, 2ª ed.), *Food in the Ancient World*. Malden, Oxford, Carlton.